DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA E ARTESANIA EM TEMPOS DE INOVAÇÃO

UNIVERSITY TEACHING AND CRAFTS IN TIMES OF INNOVATION

LA ENSEÑANZA UNIVERSITARIA Y LA ARTESANÍA EN TIEMPOS DE INNOVACIÓN

Joice Nunes Lanzarini[1]
Felipe Gustsack[2]

RESUMO
Este estudo decorre de uma pesquisa realizada com cerca de 150 professores vinculados a 9 universidades comunitárias gaúchas imersos em processo de inovação pedagógica nas suas instituições. Nesta pesquisa, buscamos compreender como professores universitários manifestam a sua artesania profissional e a partir disso, problematizar a docência universitária, compreendida como artesania, diante do imperativo da inovação na contemporaneidade. Para isso, cartografamos a maneira como professores universitários, imersos em processos de inovação, escreviam e falavam acerca do seu fazer, buscando compreender os movimentos, as aprendizagens e os dilemas que perpassam o tornar-se, o formar-se e o ser docente universitário na contemporaneidade, mas principalmente, buscando identificar manifestações da artesania docente nestas falas e escritas. O aporte teórico se organizou em torno de três eixos: a compreensão do contexto do qual emerge a necessidade de repensar a universidade e, consequentemente, a docência; o imperativo da inovação na contemporaneidade; e, a habilidade artesanal. As reflexões produzidas a partir dessa pesquisa foram organizadas em torno de seis marcadores: o tornar-se docente universitário na contemporaneidade; o desenvolvimento da habilidade artesanal; o compromisso com o fazer docente; a consciência material; a cooperação e o orgulho pelo próprio trabalho. No percurso de pesquisa, foi possível identificar, reconhecer e valorizar a maneira artesã como os professores participantes exerce seu ofício, apesar de todas as dificuldades apresentadas pelo contexto atual da educação, concebendo, assim, a docência universitária como um ofício artesanal, isto é, sem perder o desejo de um trabalho bem feito pelo simples fato de fazê-lo bem.

[1] Doutora em Educação (UNISC/2021), Mestre em Educação na Universidade de Santa Cruz do Sul, tem especialização em Gestão Universitária pela UNISC/2005e em Metodologia do Ensino na Educação Superior pela UNINTER/2016, MBA em Gestão das Tecnologias da Informação e da Comunicação em Educação pela PUC-RS/2006. É graduada em Ciência da Computação pela UNISC/2000. Atualmente é Assessora da Direção de Ensino da Universidade de Santa Cruz do Sul, trabalhando, especialmente em pautas relacionadas à projetos pedagógicos e formação de professores universitários. Atuou, por muitos anos como coordenadora da equipe de produção de materiais didáticos da Assessoria para Educação a Distância da UNISC. Foi docente em cursos técnicos e profissionalizantes de Informática e em cursos de extensão universitária na área de Web Design, professora e coordenadora do Curso de Especialização em Docência Universitária na Contemporaneidade (UCS). Dedica-se ao estudo da Educação a Distância, das tecnologias digitais na educação e da formação de professores universitários.

[2] Possui graduação em Letras Português Inglês e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina (1988), mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998; 2003). É professor do PPGEdu - Mestrado e Doutorado em Educação e do PPGL - Mestrado e Doutorado em Letras, vinculados ao Departamento de Ciências, Humanidades e Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul - RS. Tem experiência nas áreas de Educação, Linguagem e Tecnologias com ênfase na Pesquisa e na extensão em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores e educação básica, educação e linguagem, alfabetização e letramento, tecnologias de informação e comunicação na educação, educação cooperativa, educação e movimentos sociais, discurso, escola e seu entorno. Atua também no Comitê Científico das Revistas Jovens Pesquisadores e Reflexão e Ação. É consultor ad hoc de vários periódicos e eventos da área de Educação. Integra o Comitê Científico da Conferência IADIS - Ibero-Americana WWW/Internet. Foi Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação e Chefe do Departamento de Educação-UNISC. É líder do grupo de pesquisa Linguagem, Cultura e Educação - LinCE/CNPq.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

PALAVRAS-CHAVE: Docência Universitária, Artesania, Inovação, Ensino Superior, Educação.

ABSTRACT
This study stems from a survey carried out with about 150 professors linked to 9 community universities in Rio Grande do Sul immersed in the process of pedagogical innovation in their institutions. In this research, we seek to understand how university professors manifest their professional craftsmanship and from that, to problematize university teaching, understood as craftsmanship, in view of the imperative of innovation in contemporary times. For this, we mapped the way university professors, immersed in innovation processes, wrote and spoke about their work, seeking to understand the movements, learning and dilemmas that permeate becoming, graduating and being a university professor in contemporary times, but mainly, seeking to identify manifestations of teaching craftsmanship in these speeches and writings. The theoretical contribution was organized around three axes: understanding the context from which the need to rethink the university and, consequently, teaching emerges; the imperative of innovation in contemporary times; and, craftsmanship. The reflections produced from this research were organized around six markers: becoming a university professor in contemporary times; the development of craftsmanship; the commitment to teaching; material consciousness; cooperation and pride in one's work. In the course of the research, it was possible to identify, recognize and value the craftsman way in which the participating teachers exercise their craft, despite all the difficulties presented by the current context of education, thus conceiving university teaching as a craft craft, that is, without losing the desire for a job well done for the simple fact of doing it well.

KEYWORDS: University Teaching, Craftsmanship, Innovation, Higher Education, Education.

RESUMEN
Este estudio surge de una encuesta realizada con cerca de 150 profesores vinculados a 9 universidades comunitarias de Rio Grande do Sul inmersas en el proceso de innovación pedagógica en sus instituciones. En esta investigación, buscamos comprender cómo los profesores universitarios manifiestan su oficio profesional y, a partir de eso, problematizar la docencia universitaria, entendida como oficio, ante el imperativo de la innovación en la contemporaneidad. Para ello, mapeamos la forma en que profesores universitarios, inmersos en procesos de innovación, escriben y hablan sobre su trabajo, buscando comprender los movimientos, aprendizajes y dilemas que permean el devenir, egresar y ser profesor universitario en la contemporaneidad, pero principalmente, buscando Identificar manifestaciones de la enseñanza artesanal en estos discursos y escritos. El aporte teórico se organizó en torno a tres ejes: comprender el contexto del que surge la necesidad de repensar la universidad y, en consecuencia, la docencia; el imperativo de la innovación en la contemporaneidad; y artesanía. Las reflexiones producidas a partir de esta investigación se organizaron en torno a seis hitos: convertirse en profesor universitario en la contemporaneidad; el desarrollo de la artesanía; el compromiso con la docencia; conciencia material; cooperación y orgullo por el propio trabajo. En el transcurso de la investigación fue posible identificar, reconocer y valorar la forma artesanal en que los docentes participantes ejercen su oficio, a pesar de todas las dificultades que presenta el contexto educativo actual, concibiendo así la docencia universitaria como un oficio artesanal, que es decir, sin perder las ganas del trabajo bien hecho por el simple hecho de hacerlo bien.

PALABRAS CLAVE: Docencia Universitaria, Artesanía, Innovación, Educación Superior, Educación

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No momento em que as instituições de ensino superior do Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas - COMUNG compartilham e almejam novas perspectivas pedagógicas diante das incertezas e flutuações do momento educacional e mobilizadas por esse sentimento, dão passos importantes no sentido de repensarem-se tendo a palavra ‘inovação’ como impulsionadora das mudanças propostas, torna-se oportuno problematizar a docência universitária neste contexto. Se há alguns anos havia “tanto um desinvestimento quanto uma

Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

negação da necessidade de inovar" (LEITE; GENRO; BRAGA, 2011), hoje a inovação tem se tornado um imperativo à docência universitária e tem demandado investimento de tempo e recursos de nossas universidades na modernização dos seus currículos e na formação permanente dos seus professores.

Mas será que sob a ideia de inovação, estaríamos, como afirma Larrosa (2018), convertendo o trabalho do professor, a obra de suas mãos e maneiras, aquilo que hoje chamamos de práticas docentes, em procedimentos estereotipados, objetiváveis e avaliáveis? Estaríamos esvaziando os professores de toda a sua singularidade, de sua maneira própria de fazer as coisas, para que possamos impor novas metodologias e todos estes termos abstratos vindos das tecnologias, da economia e da psicologia, com os quais hoje se nomeia o que se faz e o que acontece nas instituições educativas? Ou, neste momento de transformações que atravessam os sistemas educativos e a docência, ao falar de inovação estaríamos provocando uma revisão dos saberes e procedimentos necessários à docência na contemporaneidade para que, como professores, não percamos a artesania, ou seja, para que não percamos o fazer qualificado e o orgulho pelo que fazemos?

Estas questões mobilizaram uma pesquisa cartográfica que contou com a participação de cerca de 150 professores universitários, vinculados a nove universitárias comunitárias gaúchas e que participavam de um curso de pós-graduação Lato Sensu sobre Docência Universitária na Contemporaneidade. No percurso cartográfico, procuramos compreender os movimentos e aprendizagens que perpassam o tornar-se e formar-se docente universitário na contemporaneidade; discutir a natureza e os dilemas do fazer docente universitário em tempos de inovação; identificar manifestações da docência artesã nas falas e escritas de professores imersos em processos de inovação.

O referencial teórico que dá sustentação ao estudo foi organizado em torno de três eixos: 1) a compreensão do contexto do qual emerge a necessidade de repensar a universidade e, consequentemente, a docência; 2) o imperativo da inovação na contemporaneidade; e, 3) a habilidade artesanal.

O contexto atual da educação e o repensar a universidade na contemporaneidade

As últimas décadas do século XX lançaram muitos desafios às universidades e deixaram apenas uma certeza: a universidade do século XXI precisava ser reinventada, não apenas em decorrência da mercadorização da educação superior que pudemos presenciar nas últimas décadas como resultado do estágio atual da globalização, mas também devido às

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

transformações nos processos de produção do conhecimento e na contextualização social destes conhecimentos.

O novo século encontrou a ciência em uma fase de transição para um outro paradigma. É um momento histórico em que vivenciamos crises paradigmáticas do modernismo e o reconhecimento ou não de estarmos em uma era pós-moderna com incertezas, conflitos, contradições, anseios, utopias. Todas as áreas do conhecimento estão sendo influenciadas por esse movimento, buscando outros pressupostos que demandem interconexão e inter-relações entre as diversas ciências. A ciência baseada 'nas certezas' entra em crise e desafia a sociedade a superar o princípio da ordem, da fragmentação, da redução (MORIN, 2000a).

A sociedade contemporânea vive um momento de dinamismo que se expressa na economia, na cultura, na tecnologia e na educação. A fase atual do processo de globalização, chamado de Capitalismo Flexível (SENNETT, 1999), vem provocando mudanças de ordem econômica, social e política, que refletem no sistema produtivo e, consequentemente, nas relações de trabalho, passando a exigir, das instituições de ensino, um novo perfil formativo dos profissionais que se colocam no mercado.

A universidade do século XXI não se constitui uma instituição refratária e inerte em relação a esse processo de constantes transformações. O fluxo e desafios ininterruptos da atual sociedade, o mundo da informação e da comunicação e a era da globalização impactam de modos diversos a universidade em sua estrutura administrativa, curricular, financeira, de pesquisa, de extensão, de colaboração e de convênios, ultrapassando fronteiras e hemisférios (CLOTET, 2006, p. 11). Nesse processo, a educação e, por consequência, a docência, precisam ser repensadas. Trata-se de uma nova visão de mundo e de ser humano. Em face disso, Santos (2011, p. 62) afirma que

> não se pode enfrentar o novo contrapondo-lhe o que existiu antes: Em primeiro lugar, porque as mudanças são irreversíveis. Em segundo, porque o que existiu antes não foi uma idade de ouro ou, se foi, foi-o para a universidade sem ter sido para o resto da sociedade, foi-o para alguns e não para outros.

Nestes últimos anos, afirma Santos (2011, p.63-64):

> [...] a universidade sofreu uma erosão talvez irreparável na sua hegemonia decorrente das transformações na produção do conhecimento, com a transição em curso do conhecimento universitário convencional para o conhecimento pluriversitário, transdisciplinar, contextualizado, interativo, produzido, distribuído e consumido com base nas novas tecnologias de comunicação e de informação que alteram as relações entre conhecimento e informação, por um lado, e formação e cidadania, por outro. A universidade não pôde, até agora, tirar proveito destas transformações e por isso adaptou-se mal a elas quando não as hostilizou.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

É por isso que ao adentrar o século XXI, a universidade tem sido "forçada a incorporar, em ritmo acelerado, diversas mudanças na sua organização e a dar respostas consistentes às novas demandas formativas, na mesma amplitude quantitativa e qualitativa, de modo que faça frente a esse desafio contemporâneo". Tem sido desafiada a se repensar: tanto no que se refere a sua estrutura administrativa, quanto nos currículos dos seus cursos e nas "políticas de produção como de socialização de saberes, o que tem implicações para as diferentes instâncias institucionais e seus atores" (LANZARINI, GUSTSACK e IOP, 2018, p.1).

Passamos a conviver com a exigência de novos perfis formativos potencializados pelas políticas neoliberais. "Criatividade, produtividade, oportunidade, eficiência, protagonismo, livre escolha, competências, inovação, são algumas expressões que proliferaram na gramática pedagógica mobilizada no início do século XXI" (SILVA, 2015, p. 36). E, as universidades são, cada vez mais, interpeladas a uma aproximação com o mercado produtivo, estabelecendo modos de parcerias e colaborações diversas. Assim, universidades não podem contentar-se em transmitir a cultura científica, mas precisam criá-la e dar sentido prático e profissionalizante para a formação que oferecem aos estudantes e que precisam fazer tudo isso sem se fechar em si mesmas (ZABALZA, 2004). Elas não podem apenas adequar-se às oscilações e exigências formativas do mercado, precisam aprender a olhar o entorno, a compreender e assimilar os fenômenos, a produzir respostas às mudanças sociais, a preparar os estudantes para as complexidades que se avizinham. Ou seja, as universidades carecem de permanecer em contato direto e consistente com o meio social, econômico e profissional com cuja transformação (melhora) tem o compromisso de colaborar.

Esse repensar a universidade, e consequentemente a docência, "requer de nós, estores, professores e pesquisadores, certa disponibilidade para abandonarmos nossa comodidade intelectual e existencial e, de certo modo, colocar em jogo nossos pensamentos e limites de pensamento" (LANZARINI; GUSTSACK; IOP, 2018, p.1).1). Compreender estas transformações e suas implicações para a Educação, torna-se fulcral para que possamos lidar com as incertezas que o universo nos reserva.

Preparar-se para um mundo incerto não significa resignar-se a um ceticismo generalizado. É esforçar-se para pensar bem; "é exercitar um pensamento aplicado constantemente na luta entre falsear e mentir para si mesmo", explica Morin (2000b, p. 61); é ter consciência da ecologia da ação, ou seja, é saber que toda ação, uma vez iniciada, entra num jogo de interações e retroações no meio em que é efetuada, que podem desviá-las de seus fins

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

e até levar a um resultado contrário do esperado; é saber que as consequências últimas da ação são imprevisíveis.

A docência universitária e o imperativo da inovação

O discurso em prol de inovações na docência universitária é defendido por duas formações discursivas: Uma advinda do próprio campo educacional e outra do campo da produção econômica. O discurso advindo do campo econômico é o discurso que percebemos quando consultorias educacionais, aproveitando-se da crise das universidades, vendem uma ideia de inovação que remete ao mundo empresarial, da produção, do espaço mercadológico, no qual a inovação tem relação direta com a sustentabilidade financeira e oferecem soluções homogeneizadas que promovem a repetição de propostas que não consideram a diversidade dos contextos sociais e culturais. O discurso advindo do campo educacional, por sua vez, encontra voz nos estudos de pesquisadores e autores como Cunha (2002, 2003, 2004a, 2004b, 2005, 2006a, 2006b, 2008, 2010, 2016), Moraes (1996, 1997, 2004a, 2004b, 2004c, 2005a, 2005b, 2006, 2008), Masetto (2004), Behrens (2000, 2007, 2009, 2010), Lucarelli (1994, 2000, 2002, 2003, 2004, 2007, 2008, 2009), Souza (2006, 2008). Todos estes autores buscam caracterizar a concepção de inovação no contexto da ciência emergente que se encontra em profunda transição paradigmática e que supõe, segundo Veiga, Resende e Fonseca (2007, p. 168), "um longo período de gestação e de resultados imprevisíveis". Compreendem a inovação como uma ruptura paradigmática e como construção de uma nova epistemologia.

Quando ancoramos a ideia de inovação na docência apenas nos discursos do campo econômico, corremos o risco de recairmos em uma padronização, como se houvesse uma única forma de conhecimento, uma só alternativa de formação e reforçamos os mitos que legitimam e inspiram a corrente tecnológica dos processos de inovação educativa. Por outro lado, ao pensarmos a inovação pedagógica como ruptura de paradigmas e a encararmos na perspectiva de compromisso "da universidade com a sociedade, com o mundo do trabalho e com o mundo da vida" (MOROSINI et al., 2016, p.25), impomos a reconfiguração de saberes e a necessidade de transformar o incômodo sentimento de inquietação em ação.

Incentivar o processo de inovação na docência como ruptura é agir contra um modelo que impõe, não raras vezes, a homogeneização como paradigma (CUNHA; ZANCHET, 2007). Tratar a inovação como ruptura paradigmática é dar-lhe a dimensão emancipatória. Nela não há a perspectiva de negar a história, mas uma tentativa de partir desta para fazer avançar um processo de mudança, assumindo a fluidez das fronteiras que se estabelecem entre os

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

paradigmas vigentes. Não se trata de ignorar o acervo pedagógico que a história da educação nos deixou (CUNHA, 2004b, 2016; LUCARELLI, 2000; 2003), mas de "recuperar o que existe de vivo, de criativo, de enriquecedor e de libertador no que é feito em aula com o objetivo de integrá-los e desenvolvê-los a partir de um novo olhar" (LANZARINI, 2015, p.25).

Pensar o ato educativo de uma maneira inovadora é aceitar que ele se constrói na busca de respostas parciais, provisórias, incluindo a ludicidade, o prazer, a paixão e a alegria; abrindo espaço para o potencial inventivo, para a intuição, as sensações, os sentimentos e emoções, integrando corpo e mente, racionalidade e sensibilidade. Caracteriza-se pela motivação para pensar, pela consciência da não exclusão, pela busca da diferenciação e da comunicação, mais do que da separação e do isolamento. Significa pensar o espaço educativo, a aula, como um espaço de negociação aberta e permanente que alarga os currículos, de maneira pela qual se privilegia a reconstrução crítica dos conhecimentos de mundo que os estudantes assimilam, muitas vezes acriticamente, fora da universidade. Um ambiente de trocas simbólicas no qual todos participam sem que seja necessário abrir mão das suas funções definidas.

Pensar um currículo inovador significa construir caminhos que promovam, além da produção do conhecimento específico, o resgate do potencial humano, formando seres mais solidários e cooperativos. Além disso, na perspectiva da complexidade, é preciso reconhecer a incompletude do conhecimento e, nesse sentido, tentar trabalhar o conhecimento multidimensional, a articulação dos saberes de diferentes disciplinas e de diferentes campos do conhecimento, levando em consideração a teia de suas dimensões (SOUZA, 2006).

Mas, sabemos que esse não é um processo fácil, pois o próprio sistema educativo tem grande capacidade de continuidade e de estabilidade. A mudança na educação, entendida como transformações ao nível das ideias e das práticas, não são repentinas, nem lineares. A prática pedagógica, como cultura, como cristalização coletiva da experiência histórica de ações, dificulta o processo de mudança, embora não o impeça.

A habilidade artesanal

Sennett (2013, p.19) compreende a habilidade artesanal como a capacidade de fazer as coisas bem. É "um impulso humano básico e permanente de um trabalho bem feito por si mesmo" que requer o desenvolvimento de conhecimentos e saberes diversos e a vinculação permanente entre o fazer e o pensar. Para o autor, o trabalho artesanal não se limita ao artesão que produz um objeto manualmente - como a imagem que nos surge quando pensamos num

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

artesão - mas a todas as situações em que o pensamento e a ação, o projeto e a execução, se misturam e nas quais existe a preocupação de um trabalho bem-feito. Em suas palavras:

> Abrange um espectro muito mais amplo que o trabalho derivado das habilidades manuais; diz respeito ao programador de computador, ao médico e ao artista, os cuidados paternos podem melhorar quando são praticados como uma atividade bem capacitada, assim como a cidadania [...] (SENNETT, 2013, p. 19).

A habilidade artesanal, para este autor, encontra guarida no pragmatismo que, segundo Dewey (2008), implica essencialmente certa relação do pensamento com a ação, com a conduta humana, na qual o papel da ação é o de intermediária: para ser capaz de atribuir um significado aos conceitos, uma pessoa deve ser capaz de aplicá-los à existência e a modificação desta existência constitui o verdadeiro significado dos conceitos. Um pragmatismo que, segundo Sennett (2013, p. 321), tem a experiência reflexiva como conceito central.

A habilidade artesanal baseia-se numa aptidão desenvolvida em alto grau. Por habilidade, entende uma prática treinada, ou seja, uma prática para a qual o artífice está preparado, capacitado (SENNETT, 2013). Não é uma inspiração súbita. O artífice necessita de um conhecimento técnico e de uma experiência profissional, que lhe permita desenvolver e aperfeiçoar o seu trabalho.

No mesmo sentido, para o autor, um bom artífice também precisa aprender a colocar em prática as mudanças necessárias no seu fazer, ainda que levem algum tempo para ser incorporadas. O termo incorporação, neste caso, refere-se ao processo essencial a todas as habilidades manuais, a conversão da informação e das práticas em conhecimento tácito. Todo artífice dispõe, ainda, de uma consciência material que dá sustentação ao trabalho. Na base do que Sennett (2013) denomina "consciência material" estão os princípios da relação entre o artífice e os materiais, ou melhor, as transformações materiais (que se dão no domínio da vida) e que suscitam transformações de consciência. Podemos dizer que sua consciência material tem afinidade com sua consciência de trabalho, é uma consciência engajada: o artífice é curioso, é interessado, especialmente no que pode ser modificado em seu trabalho. Nas palavras de Sennett (2013, p. 138), "seus esforços no sentido de realizar um trabalho de boa qualidade dependem da curiosidade frente ao material de que dispõe".

Esta consciência manifesta-se de várias maneiras: na capacidade de identificar as mudanças necessárias no seu trabalho, de enfrentar as resistências encontradas ou criadas no processo de mudança e na capacidade de deixar sua marca, mesmo mudando a maneira de realizar seu trabalho.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

A cooperação também é uma característica de um bom artesão. Para Sennett (2013), a cooperação é uma habilidade fundamental, um recurso adotado para compensar sua incompletude de competências. Ela precisa ser exercitada e aprofundada, incentivada nos espaços de trabalho, pois "azeita a máquina de concretização das coisas e é capaz de compensar aquilo que acaso nos falte individualmente" (SENNETT, 2012, p. 9).

E por todos estes saberes, o bom artífice orgulha-se do seu trabalho. Este orgulho está no cerne da sua habilidade artesanal, como recompensa da sua perícia e do seu empenho. Orgulha -se, sobretudo, dos saberes que evoluem, das habilidades que amadurecem à medida que faz e avalia o que está fazendo. Para Sennett (2013), a pessoa mais digna que podemos tornar-nos é aquela orgulhosa do próprio trabalho, senão de si mesma.

A docência universitária e artesania em tempos de inovação

A provocação para pensar a relação inovação e artesania na docência universitária, entre outras razões, emergiu da leitura de uma passagem da obra **Esperando não se sabe o que**, publicada em 2018 por Jorge Larrosa, na qual o autor sugere que o ofício do professor não é mais um ofício artesanal e tem sido quase que completamente desqualificado a medida que, aquilo que hoje chamamos de práticas docentes, ou seja, a obra de suas mãos e maneiras, vem sendo convertida em procedimentos estereotipados, objetiváveis e avaliáveis para que os especialistas possam impor suas metodologias e, em relação a elas, formar e avaliar professores, esvaziando-os de toda a sua singularidade ou de qualquer coisa que se remetesse a sua maneira própria de fazer as coisas (LARROSA, 2018).

Para Larrosa (2020), existem hoje gigantescos dispositivos de homogeneização da linguagem da educação e, sobretudo, existe uma imposição desta nova linguagem por especialistas, transmitida verticalmente a professores e pesquisadores; uma linguagem que em um contexto de capitalismo flexível, foi rapidamente colonizada pela tecnologia, pela economia e pela psicologia e que nos parece natural e necessária, mas nada mais é do que uma linguagem que nos impuseram e continuam nos impondo com a nossa colaboração entusiasmada. Esta afirmação vai ao encontro do que explica Ball (2020) acerca da maneira como o contexto neoliberal opera nas instituições de ensino. Para este autor, o neoliberalismo, através das suas práticas e tecnologias, "nos faz" - fala e age por meio da nossa linguagem, propósitos, decisões e relações sociais -, e nos "reforma", no sentido de produzir um corpo docente e discente mais dócil e produtivo, professores e estudantes mais responsáveis e empreendedores. Somos

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

convidados e incitados a tornarmo-nos mais efetivos e trabalharmos a nós mesmos, a melhorarmos a nós mesmos e sentirmo-nos culpados ou inadequados se não o fizermos. É a performatividade "que 'funciona' mais poderosamente quando está dentro de nossas cabeças e de nossas almas" (BALL, 2020, p.66-67).

Essa performatividade em educação tem como efeito de primeira ordem a reorientação das atividades pedagógicas e acadêmicas para aqueles que estão susceptíveis a ter um impacto positivo nos resultados de desempenho mensuráveis para o grupo ou instituição. Como efeito de segunda ordem é que para muitos professores, isso modifica a forma pela qual eles experimentam seu trabalho e a satisfação que obtém a partir dele - o seu sentido moral e de responsabilidade para com seus estudantes é distorcido. Ainda para Ball (2020), a prática pedagógica pode a vir a ser experienciada como inautêntica e alienante.

Para Larrosa (2020), pensar a docência como artesania é ir à contracorrente do capitalismo cognitivo que fundamenta o mantra do aprender a aprender, do ensino por competências e das inteligências múltiplas, que insiste na conversão das instituições de ensino em empresas e da educação em investimento; que compreende o aluno como um talento a desenvolver e o professor como um facilitador de aprendizagens, um treinador de competências, um animador de sala de aula ou um gestor emocional. Pensar a docência como artesania para o autor é, portanto, situar-se à margem tanto da sua colonização psicológica que se apoia em teorias de aprendizagem para enfatizar de maneira exacerbada a aprendizagem em detrimento do ensino, quanto da sua colonização econômica, que transforma a educação em mercadoria e lhe impõe um vocabulário da área dos negócios que se apresentam como imperativos contemporâneos à educação: eficácia, resultados, qualidade, empreendedorismo e inovação. É voltar a pensá-la como vocação e, através desta concepção, reivindicar a dignidade do ofício que, para o autor, parece ter se perdido já que falamos cada vez mais dos seus saberes, das suas competências, da eficácia e qualidade do professor, da sua profissionalização, mas cada vez menos dos seus gestos ou das suas maneiras.

A vocação, explica o autor, surge de pequenos esforços disciplinados, em que se prepara o terreno para uma atividade auto motivada e sustentada ao longo da vida, algo cada vez mais difícil em uma sociedade de empregos flexíveis na qual existe "o impulso de fazer um bom trabalho", mas se ignora "o desejo de dar sentido à vida" através deste trabalho. Vocação é uma espécie de narrativa de apoio na qual se relaciona a gradual acumulação de conhecimentos e habilidades a convicções cada vez mais firmes de ter como destino fazer na vida exatamente o que se faz, ou seja, uma sensação de que a vida faz sentido.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

Pensar a docência como artesania inclui, ainda, pensar a instituição de ensino. A universidade, por exemplo, é para os professores o que a padaria é para o padeiro, sua oficina, o lugar onde exerce seu ofício e onde estão suas matérias primas e suas ferramentas ou artefatos. Da mesma maneira que o vocabulário material da padaria é constitutivo do ofício do padeiro, o vocabulário material da universidade contribui para configurar o ofício do professor. Iniciar-se em um ofício, explica Larrosa (2020), é incorporar seu vocabulário material, saber chamar as coisas pelos nomes. Reconhecemos o artesão não somente pelo que faz, mas pela maneira como fala do que faz. Mas para este autor, a cultura econômico-empresarial arrasou a universidade e o ofício do professor. A universidade das competências e do aprender a aprender, a escola do conhecimento líquido já não pode ser o lugar do descobrimento da vocação, pois nela se cortam as mãos do professor, se ignora e despreza seus gestos. Neste lugar, o ensinam a falar outra língua, que já não caracteriza o seu ofício (LARROSA, 2018).

Entretanto, apesar de afirmar que o capitalismo contamina e arrasa os sonhos e torna tóxico tudo que toca, Larrosa (2020) acredita que haja a possibilidade de sobreviver nesses escombros. Apesar de considerar que a universidade da aprendizagem produzida pelo capitalismo cognitivo se tornou um ambiente tóxico para qualquer maneira artesã de exercer o ofício de professor, o autor admite ser possível encontrar algumas práticas, que embora rotuladas como inovadoras, carreguem em si as características da artesania. Mas para isso, precisamos aprender a reconhecê-las e valorizá-las, já que nem sempre as maneiras interessantes de conduzir uma aula podem resumir-se a uma metodologia.

Alliaud (2017), por sua vez, não associa a ideia de artesania à contracorrente dos imperativos contemporâneos. Para a autora, a concepção de Sennett (2013) acerca da artesania é particularmente frutífera para abordar a docência diante do cenário educativo atual, com seus desafios e particularidades que o caracterizam. Uma docência que, cada vez mais, requer preparação. Uma preparação que não dissocie o pensamento da ação, tampouco deixe de fora o sentimento, que nos convoque a saber e poder fazê-la de maneira habilidosa, artesanal; Uma docência que nos ensine com as dificuldades que se apresentam, mas também com todas as possibilidades que abrem novos caminhos para a invenção, a experimentação e a inovação. Porque a docência como ação cotidiana, convoca e nos convoca às mudanças permanentes, pequenas, talvez, mas que nos aproximam da grandeza de poder educar, formar e transformar os outros, a nós mesmos e ao mundo.

Assim, nesta pesquisa, ao pensar a docência universitária como artesania, deslocamos o foco da discussão das diferentes metodologias, da incorporação ou não de tecnologias, dos

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

resultados quantificáveis obtidos por essa ou aquela avaliação, e olhamos para os hábitos que constituem um ethos, um modo de ser e de fazer assumido com devoção, com entrega e com respeito àquilo que se escolheu fazer-se professor.

O processo metodológico da pesquisa

A cartografia das produções e interações de cerca de 150 professores universitários vinculados à nove universidades do Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas - COMUNG, que participavam como estudantes, professores, articuladores e coordenadores de um curso de especialização lato sensu em 'docência universitária na contemporaneidade', foi a metodologia adotada nesta pesquisa.

Assumindo uma perspectiva complexa de produção do conhecimento, não fomos ao campo para coletar dados de pesquisa, como algo que já está lá, pronto, à espera para ser coletado e analisado. As reflexões realizadas e trazidas para este artigo emergiram no campo da pesquisa, à medida que fomos interagindo e deixando-nos envolver reflexivamente por ele, sempre atentos aos movimentos e intensidades, à espreita do que estava sendo produzido como material de pesquisa por todos os participantes do curso em todas as atividades de interação do curso-território, fossem elas virtuais ou presenciais. No AVA, aconteceu nas interações pelos fóruns, nas respostas aos questionários, nas escritas colaborativas e nas trocas de mensagens privadas entre pesquisadores e os participantes do curso. Nos encontros presenciais, os textos produzidos nas atividades de avaliação e as conversas, sejam elas em grandes ou pequenos grupos, também se constituíram em possibilidades para pensar o tema da pesquisa.

Seguindo as pistas cartográficas, a pesquisa organizou-se em 4 etapas que consistiram: 1) na leitura atenta de todas as produções e interações dos participantes durante o curso (rastreio); 2) nas marcações provisórias em trechos que pareciam querer indicar algumas das muitas entradas possíveis para as reflexões a que nos propomos, mas feitas sem o compromisso de estar alinhadas com os objetivos da investigação ou responder diretamente às questões norteadoras (toque); 3) na organização da janela atencional buscando um alinhamento das marcações realizadas com os objetivos e as questões norteadoras da pesquisa (pouso). 4) nas reflexões em torno dos marcadores complexos que emergiram da etapa 3:

- o tornar-se docente universitário e os desafios da docência na contemporaneidade;
- a compreensão de que a habilidade artesanal não é uma inspiração súbita;

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

- o comprometimento dos professores diante dos processos de inovação nas universidades em que atuavam;
- as resistências/aceitação às mudanças necessárias no fazer docente nos tempo de inovação e a capacidade do professor de deixar marcas naqueles que compartilham a sala de aula com ele;
- a importância do trabalho cooperativo entre professores;
- o reconhecimento do trabalho docente pelos estudantes e a satisfação sentida pelos professores ao poder exercer bem as suas funções.

Algumas reflexões produzidas

As universidades comunitárias gaúchas não têm sua existência e sua atuação apoiadas em interesses do capital, mas também não são universidades públicas. Elas dependem das mensalidades dos seus estudantes para manter suas atividades de ensino, pesquisa e extensão. A expansão e consolidação das universidades privadas mediante fusões, aquisições e o surgimento de grandes grupos do 'negócio da educação', somados à redução da disponibilidade do Financiamento do Ensino Superior – FIES e à estagnação da economia do país na última década, provocaram uma queda significativa no número de alunos destas instituições. Diante do afrouxamento dos critérios de qualidade do ensino superior, muitas instituições ganharam uma fatia do mercado através de um grande portfólio de cursos e preços das mensalidades baixos, coerentes com as experiências formativas que colocam ao alcance dos seus estudantes. O impacto dessa guerra de preços não tardou a se manifestar nas universidades comunitárias que, até então, mantinham um quadro profissional com alta titulação, infraestrutura física de excelente qualidade e fortes investimentos na pesquisa e na extensão e, portanto, praticavam preços mais elevados.

A fragilidade institucional provocada pela crise hegemônica da universidade, a temporalidade histórica e conjuntural e a era da informação já davam sinais que seria necessário reinventar a universidade em todas as suas dimensões. Algumas delas até já ensaiavam algumas ações no sentido de provocar mudanças nas concepções de ensinar e aprender de professores e estudantes, mas para além dos desafios que este contexto já apresentava, a necessidade de reagir à concorrência instalada foi o gatilho que fez com que as universidades comunitárias mobilizassem suas comunidades acadêmicas em torno de projetos que visam o enfrentamento dos problemas decorrentes do contexto apresentado e a busca de novas oportunidades.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

Neste processo, a inovação pedagógica surge como um imperativo à docência universitária. Para possibilitar uma ação coerente com as novas propostas pedagógicas, os professores dessas universidades foram provocados a reconfigurar sua ação docente, ressignificando uma série de concepções relacionadas aos processos de ensino-aprendizagem e se abrindo para novas arquiteturas curriculares, novas modalidades, novas metodologias, um universo de tecnologias.

Como se não bastassem todos estes desafios, eis que somos surpreendidos com a pandemia de COVID-19 exatamente quando as mudanças começavam a ser implementadas. 'Trocamos o pneu com o carro andando' (PROFESSORES, D237, p. 1)! A aula, como espaço de oratória, de ensinamentos e conhecimentos, mas, sobretudo, de diálogo e pensamento, a ágora do encontro entre professores e estudantes, mudou do espaço físico para a tela digital, também coletiva, com os rostos emoldurados, sem que o docente tivesse escolha (ao menos se quisesse continuar sendo docente). Diante dos desafios impostos pela COVID-19, os docentes que já vinham sendo desafiados pela necessidade de inovação na sua ação se viram diante de uma demanda de transformações ainda mais radical com um efeito imediato significativo na experiência de aprendizagem dos estudantes. 'Aprender com' e 'ensinar com', tem exigido a busca de novos sentidos para a docência, utilizando habilidades diversas, às vezes desconhecidas, e outras recém-incorporadas, algo que pesquisas futuras necessitam explorar.

A questão é: Estamos mantendo a artesania docente nestes tempos de inovação? Será que os programas de formação permanente de professores voltados para a inovação pedagógica estão comprometidos com a manutenção da artesania docente? Responder estas e tantas outras questões passa, necessariamente, pela compreensão das características desta artesania e de como ela possivelmente se manifestaria na docência.

A cartografia das interações, escritas e falas dos professores universitários com os quais habitei um espaço de formação por dezoito (18) meses e os aprofundamentos teóricos aos quais me dediquei ao longo de todo o percurso de pesquisa me levaram a perceber que as ações institucionais de formação do docente universitário nas universidades comunitárias gaúchas têm buscado transcender a atualização científica, pedagógica e didática e vem se transformando em oportunidades de criação de espaços de participação e reflexão; tem suscitado a inventividade didática, a diversificação de itinerários formativos e a capacidade de adaptá-los segundo seus efeitos.

Percebemos que há, nas propostas de formação permanente destas instituições, um percurso autoral, singular e ao mesmo tempo coletivo que parte da desconfiança, da inquietação

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

e da interrogação dos seus professores. E na medida em que estes se sentem capazes de inventar caminhos e construir suas próprias narrativas, tornam-se fortalecidos em seu ofício, comprometidos com seu fazer, com o aperfeiçoamento permanente da sua ação; tornam-se capazes de identificar e colocar em prática as mudanças necessárias no seu ofício sem perder a autoria; reconhecem a importância da cooperação, e principalmente, sentem orgulho pelo trabalho realizado. E estas são, exatamente, as características da habilidade artesanal.

Percebemos o comprometimento desses professores quando se mostravam conscientes da importância da sua função na vida dos estudantes e, a partir disso, querer melhorar a sua ação pedagógica revelava-se um impulso intrínseco do seu fazer; quando se mostravam capazes de renunciar à onipotência e provocarem que o estudante também fosse autor da própria aprendizagem; quando se empenhavam para encontrar, em cada contexto, pontos de apoio para ampliar a potência dos estudantes; quando diante de uma frustração, compreendiam que não precisavam buscar culpados, mas concentrar-se na busca de caminhos alternativos, de outras possibilidades.

Percebemos a preocupação com o aperfeiçoamento permanente da sua ação quando mostravam reconhecer que, além de conhecimentos e saberes específicos e pedagógicos, que poderiam ou não dar algum aporte profissional para a prática educativa, este fazer requer a reflexão permanente acerca do que fazemos, como e por que fazemos; quando destacavam a importância de tornarem-se pesquisadores da sua ação.

Percebemos a capacidade de identificar as mudanças necessárias no seu ofício quando, em sua maioria, falavam dos seus estudantes, das características dos jovens na contemporaneidade, das facilidades e desafios trazidos pelo avanço das tecnologias da informação e da comunicação, das inquietações que sentiam ao perceber que o seu modo de exercer a docência, já não surtia o mesmo efeito.

Percebemos, em grande parte dos professores, o interesse em conhecer e compreender as diferentes concepções epistemológicas que influenciam na docência (que muitos tiveram contatos pela primeira vez) e, a partir disso, refletir a própria prática em busca de caminhos para colocar em curso as mudanças necessárias no seu fazer.

Constatamos, em alguns momentos, que estavam ali abertos para viver a experiência da curiosidade na busca de um novo repertório metodológico e tecnológico para ampliar seus recursos de ação e realinhar sua prática pedagógica com o perfil dos estudantes e as demandas formativas da sociedade. Estavam ali para encontrar maneiras de vencer as resistências e superar os desafios e dificuldades.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

Percebemos também o valor dado à cooperação quando estes professores a apontavam como uma fragilidade na formação do professor que precisava ser posta em pauta na sua formação. Emocionamo-nos muitas vezes com os relatos que traziam a cooperação como uma necessidade para recuperar a segurança, para afastar o sentimento de fracasso e de impotência e para renovar a motivação para o trabalho. Especialmente no contexto pandêmico que atravessou o tempo de realização desta pesquisa, foi possível perceber a rede de confiança que se constituiu em cada universidade como estratégia para diminuir o sofrimento e fortalecer as potencialidades individuais a partir do coletivo.

Por fim, percebemos o orgulho pelo trabalho realizado nas muitas vezes que fomos surpreendidos por mensagens de professores querendo compartilhar os resultados alcançados ao final de cada ciclo. Orgulho que também era manifestado ao final de cada nova atividade que se permitiam experienciar com os estudantes e quando recebiam destes, o feedback positivo, como recompensa por sua dedicação.

Considerações finais

A pesquisa da qual resultou este artigo foi, de certa forma, uma maneira através da qual buscamos reconhecer e valorizar, em um grupo de professores universitários imersos em processos de inovação, a maneira artesã de exercer o seu ofício; foi uma tentativa de encontrar, pela maneira como professores falam e escrevem sobre a sua prática, vestígios da artesania docente.

Sabemos que a globalização é um processo inexorável, que não cede ou se abala diante de nossas súplicas ou rogos e cujo rigor e severidade não podem ser amenizados. Ela tem raízes em transformações econômicas e sociais profundas que afetam também o contexto da educação e trazem imperativos que, em sua maioria, fogem do controle das instituições de ensino. Sendo assim, ainda que muitos professores resistam e queiram colocar-se na contracorrente ou à margem dos imperativos que o contexto lhes apresenta, este não é o caminho.

Na sociedade do capitalismo flexível, encontramos muitas mãos vazias e gestos vagos, estereotipados, gestos de mãos que, sem ter tido tempo nem espaço para encontrar seu objeto, foram capturados pelos protocolos impessoais e mecânicos do fazer. Mãos que gesticulam no vazio, mãos mecânicas, que nem sequer conseguem distinguir aquilo que tocam.

Apesar de compreender e conseguir identificar, no contexto universitário, situações que remetem à toxicidade apontada por Jorge Larrosa (2018, 2020), pensamos que não é uma

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

estratégia interessante apostarmos em tais generalizações. Todas as experiências vivenciadas ao longo dos mais de 20 anos exercendo nossas atividades profissionais ao lado de colegas professores das universidades comunitárias gaúchas, nos mobilizam a (querer) pensar diferente. Sim... neste percurso de pesquisa, acreditamos que seria possível conceber a docência universitária como um ofício artesanal e agora, ao final desta trajetória, podemos afirmar que, ao menos nas universidades comunitárias gaúchas, tem-se conseguido enfrentar os desafios contemporâneos sem perder a artesania. Sem perder o desejo de um trabalho bem feito pelo simples fato de gostar de querer fazê-lo bem.

Assim, ao finalizarmos este artigo, o fazemos provisoriamente, conscientes de que muitas reflexões ainda podem ser tecidas a partir desta abordagem do tema. Os achados desta pesquisa teriam sido os mesmos se fosse realizada com professores de instituições públicas ou particulares? E com professores que exercem a docência exclusivamente em cursos na modalidade de Educação a Distância? Será que a pandemia da COVID-19 alterou nossa consciência material, especialmente no que se refere a identificar e implementar mudanças necessárias no fazer docente?

REFERÊNCIAS

ALLIAUD, Andrea. **Los artesanos de la enseñanza:** Acerca de la formación de maestros con oficio. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2017.

BALL, Stephen J. **Educação global S.A.:** novas redes políticas e o imaginário neoliberal. Tradução de Janete Bridon. Ponta Grossa, PR: Editora da UEPG, 2020.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica**. Petrópolis, RJ: 4ª ed. Vozes, 2010.

BEHRENS, Marilda A. O paradigma da complexidade e a contribuição de Paulo Freire na formação de professores. In: ENS, Romilda T.; VOSGERAU, Dilmeire S. R (orgs.). **Discutindo a educação na dimensão da práxis**. Curitiba: Champagnat, 2007, p. 26-48.

BEHRENS, Marilda A. Paradigmas inovadores na aprendizagem para a vida: o saber fazer e o fazer pedagógico dos professores. In: ENS, Romilda T.; VOSGERAU, Dilmeire S. R (orgs.). **Trabalho do professor e saberes docentes**. Curitiba: Champagnat, 2009, p. 177-192.

BEHRENS, Marilda A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, José M.; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

CLOTET, Joaquim. Apresentação. In: AUDY, Jorge Luis Nicolas; MOROSINI, Marília Costa. **Inovação e Empreendedorismo na Universidade**. Porto Alegre, RS: EDIPUC, 2008.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

CUNHA, Maria Isabel da. Inovações na educação superior: impactos na prática pedagógica e nos saberes da docência. **Em Aberto**, Brasília, v. 29, n. 97, 2016. Disponível em: http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/ emaberto/article/view/2955. Acesso em: 07/01/2018.

CUNHA, Maria Isabel da. A docência como ação complexa, In: CUNHA, Maria Isabel d. (org). Trajetórias e lugares de formação da docência universitária: da perspectiva individual ao espaço institucional. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2010. CUNHA, Maria Isabel da. **Pedagogia universitária**: energias emancipatórias em tempos neoliberais. Junqueira&Marin Editores, 2006a.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinhas, SP: Papirus, 2006b.

CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário**: na transição de paradigmas. Junqueira & Marin, 2005.

CUNHA, Maria Isabel da. Sala de aula: espaço de inovações e formação docente. In: ENRICONE, D.; GRILLO, M.(orgs.). **Educação Superi**or: vivências e visão de futuro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 71-82.

CUNHA, Maria Isabel da. A docência como mediação complexa: o papel da didática na formação de professores. In: ROMANOWSKI, Joana et al. (orgs). **Conhecimento local e conhecimento universal:** pesquisa, didática e ação docente. Curitiba: Champagnat, 2004a, p.31-42.

CUNHA, Maria Isabel da. Inovações pedagógicas e a reconfiguração de saberes no ensinar e no aprender na universidade. In: CONGRESSO LUSOAFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, VIII, 2004, Coimbra. **Anais** [...].Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004b. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/MariaIsabelCunha.pdf. Acesso em: out de 2019.

CUNHA, Maria Isabel da. **Inovações:** conceitos e práticas. In: CASTANHO, Sérgio;

CASTANHO, Maria Eugênia L.M. **Temas e textos em metodologias do ensino superior,** Campinas, SP: Papirus, 2001, p. 125-136.

CUNHA, Maria Isabel da; ZANCHET, Beatriz Atrib. Sala de aula universitária e inovações: construindo saberes docentes. **Educação e linguagem**, São Paulo, Ano 10, n. 15, p. 227-249. jan-jun, 2007. Disponível em: https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/EL/article/view/164/174. Acesso em: out de 2019.

DEWEY, John. O desenvolvimento do Pragmatismo Americano. **Cognitio Estudos**: Revista eletrônica de Filosofia, São Paulo, v. 5, n. 2, dez/2008, p. 119-132. Tradução: RODRIGUES, Cassiano Terra. Disponível em: http://www.pucsp.br/pos/filosofia/ Pragmatismo. Acesso em: 06/08/2019.

GOMES, Luiz Gomes Ferreira. **Novela e sociedade no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1998.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

LANZARINI, Joice Nunes. **Educação, tecnologias e narrativas pibidianas:** a incorporação das TIC nas experiências de professores em formação. 2015. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2015. Disponível em: https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/605/1/Joice%20 Nunes%20Lanzarini.pdf. Acesso em: jul de 2021.

LANZARINI, Joice N. GUSTSACK, Felipe; IOP, Maria Cristina R. Tecnologias e educação: do misoneísmo à abertura poética**.** In: REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED SUL, XII, Porto Alegre, **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2018. Disponível em: http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/2/1372-EXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf. Acesso em: jul de 2021.

LEITE, Denise; GENRO, Maria Elly Herz; BRAGA, Ana Maria e Souza**. Inovação e Pedagogia Universitária.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

LARROSA, Jorge. **El profesor artesano**: materiales para conversar sobre el oficio. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Materiales Didáctico, 2020.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê:** sobre o ofício de professor. Autêntica, 2018.

LUCARELLI, Elisa. Las prácticas innovadoras en el aula universitaria: una mirada desde la investigación. In: ZANCHET, Beatriz M. B. A; GHIGGI, Gomercindo (Orgs.). **Práticas inovadoras na sala de aula universitária:** possibilidades, desafios e perspectivas. São Luis, MA: EDUFMA, 2009, p-17- 46. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto /fm000014.pdf. Acesso em: out de 2019.

LUCARELLI, Elisa. Algunas reflexiones acerca de la producción colectiva de conocimientos en el campo de la pedagogía universitaria. In: BROILO, Cecília L; CUNHA, Maria I. da (Orgs.). **Pedagogia Universitária e produção de conhecimentos**. vol. 3 Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, pp. 51-57.

LUCARELLI, Elisa. Pedagogia universitária e inovação. In: CUNHA, Maria Isabel da (Org). **Reflexões e práticas em pedagogia universitária**. São Paulo: Papirus. 2007. p.75-91. 200

LUCARELLI, Elisa. Prácticas Innovadoras en la formación del docente universitario. **Educação,** vol. XXVII, n. 54. set-dez, 2004, pp. 503-524. Porto Alegre: PUC. 2004. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/ index.php/faced/article/view/396. Acesso em: out. de 2019.

LUCARELLI, Elisa. **El eje teoria-practica em cátedras universitárias innovadoras, su incidência dinamizadora en la estructura didáticocurricular**. Tese (Faculdad de Filosofia y Letras) - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2003. Disponível em: http://repositorio.filo.uba.ar/bitstream/handle/filodigital/4099/uba_ffyl_t_ 2003_49245_v1.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: out. de 2019.

LUCARELLI, Elisa. Enseñar y aprender en la universidad: la articulación teoría-práctica como eje de la innovación en el aula universitaria. In: CANDAU, Vera M (org.). **Ensinar e aprender**: sujeito, saberes e pesquisa. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 150-161.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

LUCARELLI, Elisa. Um desafio institucional: inovação e formação pedagógica do docente universitário. In: CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia L.M. (org). **O que há de novo na educação superior:** Do projeto pedagógico à prática transformadora.. Campinas, SP: Papirus, 2000, Cap. 2, p.61-74.

LUCARELLI, Elisa. Teoría y práctica como innovación en docencia, investigación y actualización pedagógica. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1994. Disponível em: http://repositorio.filo.uba.ar:8080/ xmlui/handle/filodigital/11013 Acesso em: out de 2019.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos saberes**: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais. São Paulo: Antakarana/WHH–Willis Harman House, 2008.

MORAES, Maria Cândida. Educação a distância e a ressignificação dos paradigmas educacionais: fundamentos teóricos e epistemológicos. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade,** Departamento de Educação I, Salvador: UNEB, v. 1, n. 1, jan/jun. 2005.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento eco-sistêmico:** educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. Petrópolis: Vozes, 2004a. 344p

MORAES, Maria Cândida. Pressupostos teóricos do sentirpensar. In: MORAES, Maria Cândida; TORRE, Saturnino de la. **Sentir-Pensar**: fundamentos e estratégias para reencantar a educação. Petrópolis: Vozes, 2004b.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento eco-sistêmico:** educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 2006.

MORAES, Maria Cândida. O paradigma educacional emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n. 70, p. 57-69, abr./jun. 1996. Disponível em: http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/download/2388/2127. Acesso em: jul. de 2021.

MASETTO, Marcos. Inovação na Educação Superior. **Interface** (Botucatu), Botucatu , v. 8, n. 14, p. 197-202, Feb. 2004 . Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/icse/v8n14/v8n14a17.pdf. Acesso em: out. de 2019.

MORIN. Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortês, 2000a.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000b.

MOROSINI, Marília C. et al . A qualidade da educação superior e o complexo exercício de propor indicadores. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.21, n.64, p.13-37, Mar. 2016. Disponível em: http://www.scielo. br/pdf/rbedu/v21n64/1413-2478-rbedu-21-64-0013.pdf. Acesso em: out de 2019.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.
Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade do século XXI:** para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. 3º Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. 4º ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. Sennett e a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SOUZA, Ruth Catarina C. R. Universidade, processo de ensino-aprendizagem e inovação. In: REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPEd CENTRO-OESTE, 9., 2008. Anais… Brasília: 2008, p. 57-71.

SOUZA, Ruth Catarina C. R. de. A complexidade, a escola e o aprender-ensinar. In: MONTEIRO, Filomena M.de A**. Educação como espaço da cultura**. Cuiabá: EdUFMT, 2006, p. 145-161. Disponível em: https://estagiodepedagogia.fe.ufg.br/up/235/o/A_complexidade_a_escola_e _o_aprender-ensinar.pdf. Acesso em: out. de 2019.

VEIGA, Ilma P.A.; RESENDE, Lúcia M. G.; FONSECA, Marília. Aula universitária e inovação. In: VEIGA, Ilma P.A.; CASTANHO, Maria Eugênia, L.M. (orgs). **Pedagogia Universitária:** a aula em foco. Campinas: Papirus, 2007, Cap.8, p. 161-192.

ZABALZA, Miguel. **O ensino universitário**: seus cenários e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 24, n. 1, p. 44-64, jan./abr. 2023.

Recebido em: 25 mar. 2023 | Aceito em: 19 abr. 2023